



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

ISABELLA ROCHA MESQUITA

**O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E O EXERCÍCIO DA PRÁTICA
DOCENTE**

**CAJAZEIRAS - PB
2016**

ISABELLA ROCHA MESQUITA

**O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E O EXERCÍCIO
DA PRÁTICA DOCENTE**

Relatório apresentado à Universidade Federal de
Campina Grande - UFCG, em cumprimento aos
requisitos necessários para conclusão do curso de
Especialização em Planejamento e Gestão
Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral

**CAJAZEIRAS - PB
2016**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2023.

Sumé - PB

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

M882p Mesquita, Isabella Rocha.
Projeto político pedagógico e o exercício da prática docente / Isabella
Rocha Mesquita.- Cajazeiras, 2016.
38p.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral.
Monografia (Especialização em Planejamento e Gestão Escolar)
UFCG/CFP, 2016.

1. Gestão escolar. 2. Projeto político pedagógico. 3. Educação -
gestão. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.07

ISABELLA ROCHA MESQUITA

**O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E O EXERCÍCIO
DA PRÁTICA DOCENTE**

Aprovado em 31/08/2016

Banca Examinadora

PROFA. DRA. MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL – ORIENTADORA

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

PROF. DR. ALEXANDRE MARTINS JOCA

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

PROFA. DRA. MARIA DE LOURDES CAMPOS

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Dedico este trabalho aos educadores da escola pesquisada, que muito ajudaram e contribuíram para o meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Maria Gerlaine Belchior Amaral pela atenção e contribuições durante a elaboração deste trabalho.

Aos professores da UAE/UFCG que propiciaram saberes valiosos durante o curso de pós-graduação, em especial ao Professor Doutor Wiama de Jesus Freitas Lopes e aos membros da Banca Examinadora Professor Doutor Alexandre Martins Joca e Professora Doutora Maria de Lourdes Campos.

Aos meus pais, Ana Lúcia e Francisco, que sempre me apoiaram na busca pelos meus objetivos.

Ao Carlos Felipe, pelo amor, compreensão e por me mostrar que nossos sonhos podem ser realizados mais cedo do que imaginamos.

Aos colegas da turma da pós-graduação, por todos os momentos vividos e pela ousadia que nos levou a concretizar a publicação de um livro.

À Edgenalda Dantas, pelo exemplo de perseverança e pela confiança na educação.

À Eudésia Freire, pela admiração e incentivo na minha busca pelo conhecimento.

Simplesmente obrigada!

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.

Paulo Freire

RESUMO

O presente relatório tem por finalidade sistematizar o desenvolvimento de um trabalho de campo realizado entre os dias 16 a 30 de junho de 2016. A instituição na qual este trabalho foi desenvolvido está localizada na cidade de Sousa-PB, pertence à rede municipal de ensino e atende crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil. O objeto de estudo deste trabalho é a ressignificação do Projeto Político-Pedagógico (PPP) de uma escola pública, tendo em vista que o PPP é um documento relevante para orientar as ações da unidade escolar. Este trabalho foi norteado pela indagação: De que modo o Projeto Político Pedagógico pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem? Fizemos o seguinte percurso metodológico: levantamento bibliográfico e estudo teórico sobre o tema; análise do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do Estado da Paraíba, da cidade de Sousa e da escola pesquisada; sondagem acerca do PPP junto à gestores e docentes; revisão do PPP junto à gestão escolar e coordenação pedagógica; sugestões e vivências de estratégias que viabilizem a ressignificação do PPP. Quanto aos resultados constatamos que conseguir elaborar um PPP eficaz sem que os professores reconheçam sua responsabilidade nesse processo é um trabalho sem sentido. Mesmo que a coordenação pedagógica elabore um documento novo ele não será posto em prática, pois a equipe pedagógica é indiferente às contribuições do PPP ou não reconhece que tem o poder de transformar a realidade. Percebemos ainda a resistência dos professores em aceitar as sugestões da supervisora escolar em inovar as atividades desenvolvidas em sala de aula. As atribuições da supervisora se estendem às funções da secretária escolar, deixando-a, por vezes, ausente das salas de aula quando sua ajuda é precisa. Diante do exposto, entendemos que este debate se aplica a tantas outras escolas brasileiras, portanto, não encontramos conclusões definitivas para solucionar os impasses da execução do Projeto Político-Pedagógico.

Palavras-chave: Gestão escolar. Projeto Político-Pedagógico. Escola.

ABSTRACT

This report aims to systematize the development of a fieldwork conducted between 16-30, June 2016. The institution in which we performed such work is located in the city of Sousa-PB. It belongs to the municipal education system and serves children in the early years of basic and child education. The object of study in this paper is the redefinition of the Political-Pedagogical Project (PPP) in a public school, bearing in mind that PPP is an important document to guide the school unit actions. We guided this study based on the question: How does the political-pedagogical project can contribute to improving the teaching and learning quality? We made the following methodological approach: bibliographic search and theoretical study on the subject; analysis of state of Paraíba's, city of Sousa's and investigated school's Basic Education Development Index (IDEB); survey on PPP with the managers and teachers; PPP review along the school management and pedagogical coordination; suggestions and strategies experiences that enable the redefinition of PPP. Regarding the results, we found that getting to develop an effective PPP without teachers acknowledge their own responsibilities in this process is a meaningless work. Even if the pedagogical coordination prepare a new document, they will not implement it because the pedagogical staff is indifferent to the PPPs contributions, or they do not recognize it has the power to transform the reality. We also see the teachers' resistance to accept the school supervisor's suggestions to innovate the activities in class. The supervisor's duties extend to school office functions, leaving her sometimes absent from classrooms when they need her help. Considering the above, we believe this discussion applies to many other Brazilian schools, so we did not find definitive conclusions to address the deadlocks of the political-pedagogical project implementation.

Keywords: School management. Political-Pedagogical Project. School.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Rendimento Escolar

Tabela 2: Dados do IDEB

Tabela 3: Dados Sociodemográficos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

P - Professor

PPP – Projeto Político-Pedagógico

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
2 PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO E APRENDIZAGEM.....	18
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
3.1 Sobre a escola.....	23
3.2 Sobre ser professor.....	25
3.3 Sobre a prática.....	29
3.4 Uma sugestão.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE	
Apêndice A – Questionário.....	38

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem por finalidade sistematizar o desenvolvimento de um trabalho de campo realizado entre os dias 16 e 30 de junho de 2016, sendo que o período de observação da escola foi realizado na primeira quinzena de junho deste ano. A instituição na qual este trabalho foi desenvolvido está localizada na cidade de Sousa-PB, pertence à rede municipal de ensino e atende crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil.

A razão que levou à realização deste estudo foi a exigência da disciplina Projeto Vivencial do curso de Especialização em Planejamento e Gestão Escolar da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A referida disciplina tem uma carga horária de 80h para desenvolvimento da experiência pedagógica, prática no campo e elaboração do relatório.

O objeto de estudo deste trabalho é a ressignificação do Projeto Político-Pedagógico (PPP) de uma escola pública, tendo em vista que o PPP é um documento relevante para nortear as ações da Unidade Escolar e que “exige uma reflexão acerca da concepção de educação e sua relação com a sociedade e a escola, o que não deixa de lado uma reflexão sobre o homem a ser formado, as questões vinculadas à cidadania, ao trabalho e à consciência crítica” (VEIGA, 2009, p. 164). Portanto, acreditamos que esta pesquisa é relevante para a comunidade escolar.

Nessa perspectiva, buscamos respostas para a seguinte indagação: De que modo o Projeto Político-Pedagógico pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem?

Este projeto vivencial objetivou identificar situações pedagógicas que sinalizem a necessidade de ressignificação do Projeto Político-Pedagógico. Mais especificamente: Averiguar junto à comunidade escolar se os objetivos estão sendo cumpridos e se as metas definidas foram alcançadas; Propor ações que contribuam para a consecução do PPP; Propor uma avaliação eficaz do PPP da escola.

Fizemos o seguinte percurso metodológico: Levantamento bibliográfico e estudo teórico sobre o tema; Análise do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do Estado da Paraíba, da cidade de Sousa e da escola pesquisada; Sondagem acerca do PPP junto à gestão escolar e aos docentes; Revisão do PPP junto à coordenação pedagógica; Sugestões e vivências de estratégias que viabilizem a ressignificação do PPP.

A escola escolhida está localizada na periferia da cidade de Sousa-PB e chamou atenção pelo fato de apresentar baixo IDEB e índice de evasão preocupante.

No primeiro momento de sondagem na escola houve a participação da vice-diretora, da supervisora escolar e de 07 docentes. Antes de dar início à conversa solicitamos o PPP da escola, que se encontrava guardado em um armário na sala da diretoria, trancado à chave, ou seja, apenas a gestão escolar que possuía a chave teria livre acesso ao PPP. Já com o documento em mãos percebemos a curiosidade dos docentes em manuseá-lo, demonstrando que não conheciam, por serem novatos, ou não se lembravam do seu conteúdo, no caso dos docentes que participaram da elaboração do mesmo. Nesse momento, ao buscarmos os objetivos da escola no seu PPP, viu-se que havia a necessidade de uma ressignificação, o que foi proposto. Porém, ao tomarem conhecimento do que estava sendo pedido, alguns docentes começaram a dar desculpas e simplesmente saíram, indicando que não davam importância.

Em um segundo momento os participantes receberam três questionários, que preferimos chamar de reflexão, e foram entregues da seguinte forma: o primeiro foi entregue na quarta-feira para ser respondido até a sexta-feira, quando foi entregue o segundo para ser respondido até a segunda-feira e neste dia seria entregue o último para ser respondido até a quarta-feira. Todos receberam a primeira reflexão, mas 02 docentes alegaram que não tinham tempo, estas mesmas também se recusaram a receber a segunda reflexão. Quanto aos prazos apenas 01 docente entregava as respostas no mesmo dia que recebia, 01 docente entregava nos dias pedidos e outros 03 participantes entregaram a primeira reflexão no dia pedido e as outras duas foram entregues na sexta-feira após o último prazo, que seria a quarta-feira.

A primeira reflexão era sobre a escola, a segunda era sobre a docência e a terceira era sobre a formação discente. Nesta última deveriam ser pensadas ações concretas para conseguirem alcançar os objetivos da escola. Assim, poderíamos ressignificar o PPP através dos consensos das respostas às questões. Por fim, deveriam realizar, na prática, o que foi pensado. Para isto, têm até o final do ano letivo de 2016, portanto, os resultados alcançados não serão mostrados neste trabalho, pois as ações ainda estão em andamento.

Sentimos a incompreensão daqueles profissionais, que não estavam interessados em refletir acerca dos problemas da escola que trabalham há tantos anos para definir metas e ações para suprir as necessidades e melhorar o ensino-aprendizagem. Participaram da pesquisa a vice-diretora, a supervisora escolar e 03 docentes, ou seja, 42,8% dos docentes aceitaram participar da pesquisa. Não houve a participação da diretora escolar, pois a mesma estava de licença. Apresentamos a seguir as informações obtidas, na seguinte ordem: diagnóstico da instituição, com a configuração física e funcional da escola pesquisada, características do perfil sociodemográfico; discussão teórica e análise dos questionários e as considerações finais.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal localizada na periferia da cidade de Sousa-PB. Esta, fundada em 10 de julho de 1854, localizada na região do Alto Sertão da Paraíba, possui uma população de 65.803 habitantes (IBGE, 2010). Quanto à estrutura educacional no nível fundamental e médio existem 34 escolas municipais, 20 escolas estaduais e 4 escolas privadas.

A instituição pesquisada oferece ensino na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. No ano letivo de 2016 foram formadas seis turmas, sendo o Pré III, 1º e 2º ano funcionando no turno da manhã e 3º, 4º e 5º ano funcionando no turno da tarde. Apenas uma turma por série, diferente do ano anterior que havia duas turmas de 1º ano e uma turma do Pré II. As professoras das referidas turmas que não formaram atualmente estão aposentadas. Este ano, ainda, a escola recebeu um professor de Educação Física, que cumpre uma aula por semana para cada turma.

Atualmente a escola conta com 07 docentes, 01 diretora, 01 vice-diretora, 01 supervisora, 01 secretária, 02 vigilantes noturno, 03 merendeiras, 02 auxiliares de serviços, 01 disciplina e 120 discentes regularmente matriculados e frequentando.

É importante salientar que existe um educandário que é um anexo da escola pesquisada, porém recentemente houve eleição de diretores em ambas, como o primeiro passo para seguir em busca dos demais requisitos do Ministério da Educação para dar autonomia ao educandário, que possui um quantitativo maior de discentes, ou seja, 67% das matrículas pertencem ao educandário. Assim sendo, esta pesquisa não abrange o anexo, mas há dados, como o IDEB, que o abrangem.

Quanto à infraestrutura do prédio e suas dependências já existe um projeto de reforma do espaço, pois é uma construção antiga datada de 1979. Dispõe de 04 salas de aula (cada uma com três ventiladores, quadro branco e carteiras em bom estado), 01 sala de biblioteca, 01 sala de diretoria, 01 sala de informática (a única climatizada e com forro), 01 auditório que foi dividido para funcionar o Programa Mais Educação, 01 depósito, 01 cantina, 01 área que serve como refeitório (com um bebedouro, uma mesa grande e sem cadeiras), 05 banheiros (com pias e descargas sem funcionar) e 01 quadra de esportes descoberta.

A comunidade no entorno da escola é carente, com algumas casas de taipa, marcada pela violência, prostituição e consumo de drogas, conforme observamos a partir de conversas informais com pais e funcionários.

Os recursos financeiros da escola também estão limitados, remetendo a diminuição nos gastos com material pedagógico à atual crise econômica no País, e ainda, atraso no envio da merenda escolar, por vezes deixando as crianças sem o desjejum.

Observamos na tabela a seguir os índices atuais de aprovação, reprovação, transferência e evasão, considerando o total de matrículas da escola e seu anexo. Os dados foram retirados do Projeto Político-Pedagógico da escola, atualizado em julho de 2015.

Tabela 1: Rendimento Escolar

	Educação Infantil		Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)	
Matrícula inicial	168	100%	355	100%
Promovido	146	87%		
Aprovação			307	86%
Reprovação			12	3%
Transferência	06	4%	20	6%
Evasão	16	9%	16	5%

Fonte: Projeto Político-Pedagógico

O IDEB da escola do ano de 2009 ultrapassou a meta projetada, porém em 2011 não houve aumento e em 2013 ficou sem média na Prova Brasil. Em comparação ao IDEB do Estado e do Município a escola pesquisada apresenta um resultado preocupante, como observamos a seguir:

Tabela 2: Dados do IDEB

ANO	Escola		Paraíba (total)		Sousa	
	Ideb observado	Metas projetadas	Ideb observado	Metas projetadas	Ideb observado	Metas projetadas
2009	2,8	2,6	3,9	3,4	3,4	3,3
2011	2,8	3,1	4,3	3,8	3,5	3,7
2013	-	3,4	4,5	4,1	5,1	4,0
2015		3,7		4,4		4,3
2017		4,0		4,7		4,6

Fonte: www.ideb.inep.gov.br

Os docentes demonstram preocupação com o rendimento dos alunos, chamando atenção para a falta de disciplina, falta de atenção e pouca participação da família junto à escola, como problemas indicadores do insucesso.

A metodologia é mais restrita ao uso dos livros didáticos e atividades xerografadas, exceto a Pré-escola que não recebeu livros. Foi elaborado um calendário de revezamento de turmas na sala de informática, permitindo que os alunos, um dia na semana, utilizem os computadores (sem Internet) com a orientação da sua professora, esta, no caso de não possuir conhecimento de informática, pede ajuda à supervisora escolar. Há também uma TV e um DVD mais utilizados na turma da Pré-escola, um som, um notebook e um Datashow, recursos que os professores podem levar para a sala de aula.

A supervisora escolar faz, no início de cada bimestre, teste de leitura com alguns alunos que apresentam mais dificuldade para ver se houve ou não avanço. Estes são acompanhados em horário oposto com atividades de reforço por uma professora que tem o seu regime de trabalho T-40, enquanto que todas as demais professoras são T-30.

Tabela 3: Dados sociodemográficos

Docentes	Idade	Formação específica	Tempo na escola	Ano que leciona	Renda salarial
P01	55 anos	Pedagogia e Pós graduação em Psicopedagogia	34 anos	Pré III	3 a 4 salários mínimos
P02	57 anos	História e Pós graduação em História	34 anos	1º ano	3 a 4 salários mínimos
P03	25 anos	Pedagogia	07 meses	2º ano	2 a 3 salários mínimos
P04	40 anos	Pedagogia	10 anos	3º ano	2 a 3 salários mínimos
P05	65 anos	Pedagógico	36 anos	4º ano	3 a 4 salários mínimos
P06	46 anos	Matemática	09 anos	5º ano	3 a 4 salários mínimos
P07	37 anos	Educação Física e Pós graduação em treinamento desportivo	05 meses	Todos	4 a 5 salários mínimos
P08	57 anos	Pedagogia e Pós graduação em Psicopedagogia	36 anos	Gestão	4 a 5 salários mínimos
P09	30 anos	Pedagogia, Serviço Social e Pós graduação em Políticas Públicas	09 anos	Gestão	2 a 3 salários mínimos
P10	34 anos	Pedagogia e Pós graduação em Supervisão escolar	02 anos	Gestão	2 a 3 salários mínimos

Fonte: Dados da pesquisa 2016.

Destacamos que 06 professoras possuem mais de 40 anos de idade. Podemos perceber que a maioria das docentes já tem tempo de serviço suficiente para pedir aposentadoria, fato que talvez gere certa acomodação no trabalho. A tabela indica apenas o tempo de serviço das docentes na rede municipal, porém alguns docentes já tinham experiência pedagógica em outras instituições escolares. A renda acima de 3 salários mínimos justifica-se por manterem outro emprego em escolas estaduais.

Apenas 01 professora não tem nível superior. A P04 concluiu Pedagogia há poucos meses. Temos apenas um participante do sexo masculino, este não reside em Sousa-PB. A respeito do estado civil dos professores temos 07 casados, 01 viúva e 02 solteiras. Quanto à escolaridade do pessoal não-docente: 03 têm ensino fundamental completo, 02 têm o nível pedagógico e os demais possuem ensino médio completo.

O planejamento é realizado toda segunda-feira no contra turno das aulas, o que não permite a interação entre as professoras dos turnos da manhã e da tarde. A escola não funciona no período da noite.

A direção escolar enfrenta diversos problemas com a comunidade local, que deprecia o prédio, não respeita as normas, como o horário de chegada e de saída dos alunos e horário de utilização da quadra de esportes da escola, que pertence à comunidade, mas deveria ser utilizada no horário das aulas apenas pelos alunos.

A escola possui PPP, mas este não apresenta objetivos e metas bem definidos. No PPP são citados os principais problemas da instituição e propõe ações, mas não possui um plano de ação bem organizado. O PPP é um documento que não fica acessível a todos como deveria e foi elaborado sem a participação da comunidade escolar.

O PPP deve ser pensado por todos que constituem a comunidade escolar e seu texto deve conter como elementos básicos: as finalidades, a estrutura organizacional, o currículo, o tempo escolar, o processo de decisão, as relações de trabalho e a avaliação.

No próximo capítulo ressaltaremos os estudos teóricos que fundamentaram a pesquisa, com destaque para o Projeto Político-Pedagógico como um documento que deve ser elaborado coletivamente. Enfatizaremos as contribuições do PPP na qualidade da educação, oferecendo subsídios para nortear o trabalho docente, o qual exige reflexão constante da própria prática.

2 PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO E APRENDIZAGEM

O Projeto Político-Pedagógico é um documento que analisa a realidade da instituição, suas características, seu ideário de sociedade e de homem, propondo ações concretas para responder as demandas, levando ao alcance dos objetivos. Por isso deve ser elaborado com a participação da comunidade escolar, de acordo com o contexto no qual a escola está inserida.

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade (VEIGA, 2013, p. 13).

Saberemos o caminho que devemos seguir quando soubermos onde queremos chegar. É isto que o Projeto Político-Pedagógico se propõe a fazer, guiar os passos dos agentes envolvidos no processo para atingir um fim comum, ou seja, a gestão escolar precisa da colaboração de todos, docentes, discentes, funcionários, pais, na elaboração do Projeto Político-Pedagógico a fim de evitar improvisos e ter clareza das necessidades da escola, para que, através da resolução dos problemas, de forma coletiva, haja o alcance das metas e desejos, levando a um verdadeiro ensino de qualidade.

As pessoas se habituaram a viver em um mundo capitalista e individualista, que não ensina a viver coletivamente, trabalhar em equipe e ajudar ao próximo, especialmente no Brasil, que o governo paga mal aos professores, envia poucos recursos para a educação, desvalorizando a docência e o ensino público. A depender da consciência dos docentes em planejar o desenvolvimento de um bom trabalho na escola, em se capacitar para formar o tipo de cidadão que a comunidade almeja, é que a transformação acontece em cada indivíduo singular.

Planejar a educação é ação de extrema relevância para melhor organização do trabalho na escola, cuja existência só pode ser legitimada pela consecução, com eficiência, eficácia e qualidade, dos fins para os quais ela foi criada e é mantida pela sociedade. Observe-se que não é possível dissociar a ideia de planejamento educacional e escolar da necessidade de se desenvolver, através de discussões e deliberações coletivas, um projeto político-pedagógico da unidade escolar (ROMÃO; PADILHA, 2012, p. 94).

Faz parte das características do profissional docente ser aquele que trabalha com o pensamento, que é formador de opiniões, mas que sabe respeitar o pensamento dos outros, que ouve as opiniões dos seus alunos e os leva à reflexão.

Em algum momento pode acontecer de os professores delegarem apenas à gestão escolar a responsabilidade pelos problemas da instituição. Ou a gestão resolver tomar as decisões sem consultar a comunidade escolar. É como se utilizassem o termo “gestão democrática” sem que entendam, de fato, o seu significado. Para alguns professores, ainda, considerar as sugestões dos pais dos seus alunos é algo impensado. Porém, para uma escola ter sucesso no cumprimento do seu projeto deve haver a participação de todos os seus integrantes.

Pela participação na organização e gestão do trabalho escolar, os professores podem aprender várias coisas: tomar decisões coletivamente, formular o projeto pedagógico, dividir com os colegas as preocupações, desenvolver o espírito de solidariedade, assumir coletivamente a responsabilidade pela escola, investir no seu desenvolvimento profissional. Mas, principalmente, aprendem sua profissão (LIBÂNEO, 2015, p. 35).

A profissão docente se aprende na prática e não está restrita apenas à sala de aula. É importante reconhecer suas limitações, saber lidar com os conflitos e não desanimar, buscar sempre inovar os seus conhecimentos e trabalhar em equipe. Não há como elaborar o Projeto Político-Pedagógico e colocar suas ações em prática sem que antes sejam superados os desentendimentos entre os sujeitos envolvidos a fim de chegarem a um acordo sobre o que o grupo quer e o que precisa ser feito.

O professor não tem compreensão do seu trabalho na complexidade que ele implica; está alienado do seu quefazer pedagógico: foi expropriado do seu saber, situação esta que o desumaniza, deixando-o à mercê de pressões, de ingerências, de modelos que são impostos como ‘receitas prontas’, impossibilitando um trabalho significativo e transformador, levando-o, por consequência, ao sofrimento, ao desgaste, ao desânimo, ao descrédito quanto à educação, à acomodação, à desconfiança, chegando mesmo à falta de companheirismo e de engajamento em lutas políticas e até sindicais (VASCONCELLOS, 2014, p. 25).

O sistema educacional brasileiro oferece um modelo de educação que funcionava com os jovens do século passado, mas que não atende às exigências atuais. As salas de aula e os métodos de ensino pouco se modificam, porém a mentalidade das crianças se desenvolve rapidamente, no mesmo ritmo das inovações tecnológicas. Os professores com mais anos de

experiência geralmente relutam em mudar de mentalidade e dar espaço à curiosidade das crianças, não as permitindo ter contato com o lúdico e com as novas tecnologias, muitas vezes porque planejar uma aula diferente exige criatividade e eles estão acostumados com os modelos prontos.

O Projeto Político-Pedagógico requer a compreensão de que a realidade exige novas práticas pedagógicas. Métodos ultrapassados e professores acostumados com a rotina, reproduzindo planos antigos, que funcionaram no passado, hoje precisam ser repensados de acordo com o público-alvo da atualidade. O aluno não está mais em sala de aula apenas para aprender a ler, escrever e contar, ele deve ser ensinado, sobretudo, a pensar e se expressar. Por isso, os professores, antes mesmo de perceberem sua defasagem em tal contexto, devem sempre buscar sua capacitação profissional.

A formação continuada é uma maneira diferente de ver a capacitação profissional de professores. Ela visa ao desenvolvimento pessoal e profissional mediante práticas de envolvimento dos professores na organização da escola, na organização e articulação do currículo, nas atividades de assistência pedagógico-didática junto com a coordenação pedagógica, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe etc. O professor deixa de estar apenas cumprindo a rotina e executando tarefas, sem tempo de refletir e avaliar o que faz (LIBÂNEO, 2015, p. 71).

É importante salientar que a formação continuada não depende apenas de estar matriculado em um curso ou assistir a uma palestra. O principal é o professor ser reflexivo e participativo, ter voz na escola para questionar e sugerir, saber ouvir os colegas de trabalho, os alunos, os pais, aceitando as opiniões contrárias e debater sobre, saber avaliar o currículo, sua metodologia de ensino e ter interesse na mudança, sem medos, sem perder a alegria e o entusiasmo diante dos problemas. Todo professor tem capacidade para realizar suas aspirações, independente dos obstáculos que surgirem.

A docência competente somente se configura na prática persistentemente inquirida pela reflexão pessoal e pelo discurso argumentativo na comunidade da profissão de forma a tornar-se práxis de vida. Ela não é realizada, por outra parte, senão na referência e no confronto da aprendizagem dos alunos. É evidente que o professor não ensina senão na medida em que os alunos aprendem (MARQUES, 2013, p. 154).

Não há como permitir que a realidade fosse camuflada, pois o pensamento de mudança é urgente. Os professores poderão repensar sua prática a partir do desempenho dos alunos.

O Projeto Político-Pedagógico deve mostrar a realidade buscando modificá-la. Assim como o contexto escolar está sempre em transformação, o Projeto Político-Pedagógico é um documento inconcluso, que deve ser ressignificado ou corre o risco de desaparecer, pois o conteúdo do seu texto, à época em que foi escrito, não mais se aplica à realidade atual. O que justifica que muitas escolas deixem o seu projeto engavetado, quando deveria estar ao alcance de todos os agentes da escola.

A escola não é feita apenas de salas de aula, por isso não se deve atribuir as responsabilidades somente para os professores, todos devem assumir o compromisso com a educação. O trabalho docente é cercado de paradigmas que levam o professor à falta de esperança em relação à melhorias nas suas condições de trabalho, o que reflete no ensino.

A respeito do desempenho do corpo docente, o descaso do Estado para com a escola pública, articulado com as múltiplas determinações sociais, econômicas, políticas e culturais que condicionam a realização do trabalho docente, tem levado a configurar o professor como um profissional que convive com condições inteiramente desfavoráveis de trabalho, ganha miseravelmente, apresenta formação acadêmica inadequada e possui uma concepção de mundo que não se coaduna com os fins da transformação social e da universalização do saber. Tudo isso reflete-se em seu cotidiano escolar, como um misto de insatisfação pessoal, comodismo, descompromisso com o trabalho, frustração profissional e apatia com relação aos interesses do educando (PARO, 2008, p. 76-77).

Sem existir um trabalho unificado na escola é como se cada turma tivesse a “cara” do seu respectivo professor. Cada professor com seu planejamento, sem um trabalho em equipe, sem aprender com o outro, debater os problemas que são comuns da comunidade local ou refletir as circunstâncias que se apresentam diariamente. Para atrair os alunos é interessante que os professores revejam o seu fazer pedagógico.

Alguns educadores menos comprometidos não alteram seu fazer. Continuam contando suas “belas mentiras” como se desejassem, por repetição, convencer-se das verdades radicais que recitam. Outros, mais preocupados, aguardam que algo aconteça, que alguém forneça “coisas práticas” para solucionar as situações do interior de suas salas de aula. Outros, ainda, procuram transformar criativamente suas práticas, impulsionados por uma angústia salutar que não permite a acomodação (RESENDE, 2013, p. 54).

A aprovação de um processo de ressignificação precisa ser voluntária, ninguém pode ser obrigado a se expressar para propor mudanças sobre aquilo que não lhe causa certa inquietude. Trata-se de sonhar e sensibilizar os sujeitos que acreditam que a transformação é possível.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O cotidiano escolar, por mais bem administrada que seja a instituição, acaba gerando situações complexas, seja envolvendo alunos, pais, professores ou gestão. Do mesmo modo, o trabalho pedagógico pode não render os resultados esperados. São sinais de que a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem se faz necessária.

Perceber as necessidades da escola, trazer os problemas à tona e propor mudanças são funções de sujeitos sensíveis às causas da educação. O ato de refletir é condição para a transformação e crescimento. Assim, partindo das nossas ações no espaço que temos, a busca deve ser incansável em prol da qualidade do ensino.

O Projeto Político-Pedagógico é o documento que traz no seu texto toda a realidade da escola e, essencialmente, objetivos, metas e ações. Segundo Vasconcellos (2014) o PPP contém três partes: Marco Referencial, Diagnóstico e Programação, que busca responder, respectivamente, as perguntas: O que queremos alcançar? O que nos falta para ser o que desejamos? O que faremos concretamente para suprir tal falta?

Todo PPP deve conter na sua primeira parte uma definição de sociedade e de homem que quer formar, de ação educativa e das características da escola. Após este reconhecimento, deve buscar as necessidades e propor ação.

Avaliar este documento não é tarefa fácil, menos ainda é sensibilizar a comunidade escolar a sair da sua zona de conforto para que algo seja feito a fim de alcançar com eficiência e eficácia as finalidades da escola.

Assim, foi preciso inquirir professores e gestores, levando-os a pensar sobre sua profissão e a escola, local de trabalho e campo desta pesquisa. Foram aplicadas três reflexões, sobre a escola, sobre ser professor e sobre a prática, entregues uma de cada vez, em dias alternados. A escola pesquisada possui 07 professores, 01 diretora, 01 vice-diretora e 01 supervisora escolar, e contamos com a participação de 03 professores, da vice-diretora e da supervisora. Os demais membros justificaram a falta de tempo para não participarem, impossibilitando até mesmo conversar e ouvir as sugestões.

Acreditamos que os consensos das respostas às questões podem levar à mudança no conteúdo do PPP da escola pesquisada. É um desafio para a educação fazer com que os professores repensem a sua prática. Nossa intenção era levá-los à reflexão, pois, diante do resultado do rendimento dos alunos e da observação da escola, identificamos professores com práticas improdutivas.

A seguir apresentamos as respostas dadas pelos participantes e sua respectiva análise.

3.1 Sobre a escola

No primeiro dia da reflexão os professores foram instigados a pensar sobre a escola. O primeiro questionamento foi acerca do papel da escola na vida das crianças. Na justificativa dos professores a essa questão percebemos que responderam de forma genérica funções que poderiam se aplicar a outros espaços educativos.

Dois professores tratam a escola como local de formação intelectual:

A escola é o lugar onde a criança deverá encontrar meios de se preparar para realizar seus projetos de vida, tanto na formação intelectual quanto moral [...] (P01).

O papel da escola na vida da criança é a de formação do cidadão, seja ela no intelectual (cognitivo) como no social (P07).

Outros dois professores reconhecem a escola como o espaço para apreender conhecimentos:

A escola é a porta de entrada para o acesso ao mundo do conhecimento. Atualmente a escola vem buscando desenvolver a personalidade da criança, explora seus talentos, trabalha a socialização, as regras de convivência, entre outros [...] (P09).

A escola é o espaço que leva ao aluno condições para aprender e apreender conhecimentos [...] (P10).

A escola se difere dos demais espaços educativos por proporcionar a educação formal, o que não garante a formação integral do sujeito, que pode se desenvolver através das suas relações com o meio e produzir os mais diversos conhecimentos.

O segundo questionamento foi em relação aos espaços sociais que as crianças tinham para se desenvolver naquela localidade, além da escola.

Dois professores consideraram a igreja como espaço educativo:

Além da escola, apenas a igreja e a rua (P03).

Não há outros espaços sociais na comunidade além da escola e a igreja. Na igreja poucas crianças frequentam [...] (P10).

Os demais professores responderam que havia apenas a escola. O P07 ainda citou a quadra poliesportiva, que poderia ser um espaço educativo se estivesse em uso:

Em relação à essa comunidade, além da escola só existe a construção de uma quadra poliesportiva e mesmo assim está parada (P07).

Percebemos que a comunidade local não oferece outros espaços sociais onde as crianças pudessem ter acesso à cultura, teatro, lazer. Por outros termos, é necessário reconhecer que a escola é por excelência o único lugar socialmente determinado para promover o desenvolvimento integral das crianças. Observamos, ainda, que alguns pais protegem seus filhos por se preocuparem com a falta de segurança do bairro. Alguns pais vão à escola no horário de recreio ficar com os filhos, impedindo-os de brincar e socializar com as outras crianças.

Na última questão buscamos saber a opinião deles sobre se a escola poderia prejudicar ou ajudar uma criança. Em conversas informais esse tópico gerou muita discussão. Três professores responderam que há possibilidade de prejudicar:

O sentido da escola é para ajudar, mas ela pode prejudicar. Existem circunstâncias que ocorrem na escola que podem acarretar uma série de problemas na vida futura da criança (P01).

A escola prejudica uma criança se permitir situações que causem mal à sua saúde psicológica. Jamais irá ocorrer aprendizado se a criança estiver indo para a escola forçada pelos pais e sem se sentir bem naquele ambiente (P03).

[...] quando a criança chega à escola encontra estrutura escolar desfavorável, professores mal pagos, poucos recursos, pais desinteressados. Tudo isso pode acarretar prejuízos e um futuro frustrante (P10).

Dois professores acreditam que a escola só ajuda, como mostra as falas seguintes:

A escola foi feita para ajudar, nunca para prejudicar. A escola e seus profissionais têm a obrigação moral de formar o cidadão (P07).

O espaço escolar só busca propostas para a melhoria dos alunos, buscando adotar estratégias que surtam efeitos significativos na vida de cada criança [...] (P09).

Acreditamos que a essência de um órgão público é beneficiar os indivíduos, mas diante dos serviços que a escola oferece, se tratando de relações pessoais tanto pode acontecer de ajudar ou prejudicar. É necessário fazer a ponderação de que quando a escola é omissa em relação ao suporte intelectual que deveria oferecer aos alunos e não o faz está comprometendo o futuro das pessoas que a ela tiveram acesso.

[...] Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão-se tornando *presenças* marcantes no mundo (FREIRE, 2009, p. 47, grifo do autor).

Diante das observações do grupo percebemos que a primeira reflexão cumpriu seu papel, apesar das respostas escritas serem curtas. Que permaneça o pensamento de que a escola é o espaço socialmente constituído que tem a incumbência de contribuir com o futuro da criança. Nosso propósito era fazê-los refletir sobre a função social da escola e os reais impactos que tem na formação das crianças que passam muito do seu tempo na escola, esperando desta subsídios que contribuam no seu desenvolvimento integral.

3.2 Sobre ser professor

No ato de devolução da primeira reflexão, sobre a escola, os professores receberam as questões seguintes que eram sobre ser professor.

A primeira questão perguntava se consideravam a profissão de professor importante e todos afirmaram que sim. Três professores assinalaram que o professor é formador:

Sim. Porque o professor é um formador de opinião, portanto, de suma importância na formação dos educandos, que serão agentes transformadores da sociedade (P01).

Sim. Porque o professor é um agente formador de um cidadão, é um instrumento de transformação de uma sociedade (P07).

Sim. O professor, seja ele de qualquer nível escolar, tem grande importância para a sociedade, pois está contribuindo para formar cidadãos que irão intervir no ambiente em que vivem (P10).

Dois professores apontaram que a profissão de professor é importante por formar outros profissionais:

Sim. Porque o professor é o profissional que forma todas as outras profissões, mas seu trabalho não visa apenas o mercado de trabalho. O professor é um mediador no processo de construção de conhecimentos (P03).

A profissão de professor é a mais importante de todas, porque ele forma do médico ao engenheiro, passando pelos cientistas, nenhuma atividade é tão

essencial a uma sociedade como a educação. É por isso também que o professor tem de ser cada vez mais valorizado e respeitado (P09).

A contradição que nos atinge nesse ponto é que todos reconhecem a importância da profissão de professor, mas o professor não é valorizado pela sociedade e se ele não tiver firmeza do seu valor acaba sendo tomado por um sentimento de inferioridade em relação a outros profissionais. Entretanto, é necessário que se diga que algumas vezes a ideia de que o trabalho docente pode ser feito de qualquer jeito atinge alguns profissionais que começam eles próprios a negar o valor social que tem, é preciso reconhecer que nem todos os professores tem uma prática educativa que corresponda ao papel que verdadeiramente deveriam ocupar na sociedade.

Na segunda questão, sobre se existem professores eficientes e professores ineficientes, as respostas também foram unânimes. Todos responderam que sim. Destacamos as seguintes falas, que se assemelham por remeterem os professores eficientes ao exercício por amor:

Sim. Os professores ineficientes são aqueles que não têm vocação, trabalham apenas pelo dinheiro e não por amor (P03).

Sim. Existem aqueles que estão exercendo a profissão por amor ao trabalho, esses sim se dedicam e se preocupam com a aprendizagem dos alunos, outros que estão por falta de opção ou por uma estabilidade e fazem do trabalho um faz de conta (P10).

Então, segundo os sujeitos da pesquisa, o que vai definir se um professor é eficiente ou ineficiente não será a formação acadêmica, mas o sentimento que o leva a ensinar. Vê-se aqui uma visão equivocada e superficial do que é ser um professor eficiente. A falta de compreensão da função social da escola faz com que muitos docentes também não entendam qual o papel social do professor enquanto profissional da educação.

Na terceira questão solicitamos a definição do que é ser um bom professor. Dois professores remeteram a ser ético:

É ter responsabilidade, ter ética em sala de aula, é saber transmitir para o aluno e ter compreensão com os problemas de sala de aula, entendendo os alunos (P03).

É ser uma pessoa atenta com as mudanças da sociedade, esclarecida em atitudes, ser ético dentro e fora da escola, buscando sempre valores morais para a sua vida. Além de ser um eterno transmissor de seus conhecimentos (P07).

Na concepção de outros dois professores as respostas estão ligadas à dimensão cognitiva:

Ser bom professor é traçar metas ambiciosas com a turma, envolver alunos e famílias, planejar com cuidado as aulas e dar suas aulas com eficiência (P09).

O bom professor hoje precisa ser flexível e consciente, saber lidar com as diferenças, ajudar o aluno a refletir, precisa ser um mediador do conhecimento (P10).

Esperamos que o professor se reconheça como bom e que seu discurso não seja contrário à prática, por exemplo, falar em ética e não ter ética no seu ambiente de trabalho. De modo geral, todos falam que a educação é algo muito bom para as crianças, todos dizem que o professor é um profissional muito importante, e ainda, dão as características de um bom professor, neste caso, cabe refletir como está sendo suas práticas individuais cotidianas.

[...] É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 39).

Tínhamos o propósito de fazê-los refletir sobre as diferentes práticas educativas. Por isso na quarta questão buscamos saber qual a pior lembrança que eles tinham dos seus professores. Dois professores afirmaram não ter nenhuma lembrança ruim. Os demais deram as seguintes respostas:

Quando o professor ficava conversando e não explicava, aparentando não dominar o conteúdo (P03).

Ver no rosto de alguns a falta de perspectivas na sua profissão e conseqüentemente a falta de oportunidade para os seus alunos (P07).

A pior lembrança que tive de um professor foi sua falta de ética, quando se negou a repetir sua explicação de um assunto não compreendido (P09).

Devemos pensar que podemos estar gerando nos nossos alunos as lembranças ruins que temos dos nossos professores. Os alunos não têm espaço para fazer uma avaliação dos

professores. Se o aluno tira nota baixa é porque não estudou. Raramente o professor repensa sua prática, habitualmente cada um considera que está fazendo o melhor, ou o possível. E quando erra tem sempre uma justificativa para seu próprio erro. O fato de estar na sala de aula numa posição de autoridade em relação ao aluno, dificilmente um professor cria uma situação em que sua prática possa ser questionada. Isso muitas vezes faz com que práticas equivocadas herdadas da experiência que o professor viveu como aluno, reproduza na condição de professor.

[...] Como romper com a irracionalidade de um processo no qual não está previsto de fato nenhum mecanismo de avaliação e acompanhamento de sua qualidade? Com isto o aluno e sua família continuarão assumindo a culpa que lhes é impingida, já que não têm condições de perceber o quanto a escola cumpre mal sua obrigação. Mas como se pode afirmar que o aluno não aprendeu sem reconhecer que a escola não ensinou? (PARO, 2008, p. 80).

Na quinta questão, ao contrário da anterior, buscamos saber qual a melhor lembrança que eles tinham dos seus professores. A P01 não citou quais eram as lembranças adoráveis que na fala ela afirmou ter. Os demais remeteram à motivação, transmissão de conhecimento, amor e estimulação.

Quando o professor motivava o aluno a participar sem que aquilo fosse valendo nota, ou seja, ninguém tinha obrigação, mas fazia e gostava. (P03).

A busca constante pelo conhecimento e a transmissão do mesmo para os seus alunos (P07).

A melhor lembrança era nas festividades do dia das crianças que sempre era realizada com muito amor e atenção a todos (P09).

Lembro de uma professora de Matemática da 5ª série que me ajudou muito na socialização, eu era uma criança muito tímida, mas ela sempre me encorajava e estimulava para os estudos (P10).

Como seres humanos que somos estamos suscetíveis a erros e acertos e nossas ações podem gerar sentimentos bons ou ruins que marcam a vida das outras pessoas que estão ao nosso entorno. O professor deve ter responsabilidade e estar preparado para lidar com os relacionamentos interpessoais e cuidar das emoções suas e dos alunos. A relação professor-aluno é algo decisivo no processo de ensino e aprendizagem.

Na última questão perguntamos quais marcas querem deixar nos alunos. Algumas respostas lembram o papel da escola. Dois professores responderam que querem preparar cidadãos.

Quero deixar minha nobre missão de levar conhecimento e preparar cidadãos conscientes (P01).

Formar cidadãos capazes de tomar decisões e fazer com que eles caminhem com as próprias pernas (P07).

Três professoras mostraram que querem deixar marcas afetivas.

Marcas de uma professora que trata seus alunos com respeito, que transmite carinho, que ensina bem e aprende com eles (P03).

Creio que o professor deve deixar de si o melhor, ou seja, o professor deve deixar a impressão que sua sala é um lugar privilegiado onde foi construído vínculos afetivos e que conseguiu repassar seus conteúdos de forma lúdica (P09).

Quero deixar boas lembranças de uma educadora que procurou sempre estar ao lado do aluno, incentivando a ser uma pessoa melhor sempre (P10).

Nenhum professor é igual ao outro e cada professor pode deixar diferentes marcas nos seus alunos. Enquanto um aluno o considera perfeito, outro aluno pode não ter afinidade. Em se tratando de relações humanas existe uma complexidade que foge a compreensão humana. Os professores pesquisados demonstram esforços para influenciar seus alunos da melhor maneira para que estes fiquem com uma boa lembrança de seu professor. Tais perguntas foram feitas com o propósito de que refletissem que o aluno que está em formação vai se constituindo socialmente a partir das experiências que vivencia.

3.3 Sobre a prática

Na data marcada para entregarem a segunda reflexão ninguém havia respondido as questões. Mesmo assim foi entregue a terceira e última reflexão. Esta, devolvida juntamente com a segunda após dois dias de atraso, obteve respostas que deixaram a desejar.

Foi explicitado para entendimento de todos que as reflexões aqui propostas objetivavam propor ações que serviriam para ressignificar o Projeto Político-Pedagógico da escola.

Primeiramente perguntamos aos professores o tipo de homem que eles querem formar. Houve um consenso entre quatro professores de que eles querem formar cidadãos e, ainda, que conheçam seus direitos e deveres.

Quero formar um cidadão crítico, conhecedor dos seus direitos e deveres (P01).

Formar um cidadão que reconheça os seus direitos e cumpra os seus deveres (P07).

Temos o dever de formar um cidadão crítico e reflexivo socialmente (P09).

O desejo é de formar cidadãos críticos, conscientes dos seus direitos e deveres, que possam contribuir com o bem estar das pessoas e com a sociedade em que vivem (P10).

Será que o cidadão precisa ter acesso à educação escolar para ter entendimento dos seus direitos e deveres?

Uma professora afirmou que quer formar o homem que faz bem à sociedade:

Quero formar o homem que faz bem à sociedade, que contribui para um mundo mais justo e humano e que reconhece seu inacabamento, buscando aprender algo novo todos os dias (P03).

Em todas as respostas percebemos que o homem é formado para atuar na sociedade verdadeiramente, sem alienação. Porém, para agir ainda melhor no mundo o homem precisaria aprender saberes, entre eles ler, escrever, interpretar, entender a História. Ademais, a escola não pode perder o seu espaço.

Entretanto, é interessante destacar que nenhum professor demonstra conhecer as finalidades da Educação Básica conforme a LDB, Lei 9.394/96, que estabelece que a Educação Básica deve formar para o exercício pleno da cidadania, preparação para estudos posteriores e inserção no mercado de trabalho. Muitas vezes dizer que forma o aluno para conhecer seus direitos e deveres é um jargão repedido aleatoriamente, pois a maior lei do País é a Constituição Federal e é muito difícil se encontrar um trabalho na escola de estudo da Constituição, principal documento a estabelecer os direitos do cidadão brasileiro.

Por fim, perguntamos quais ações concretas podemos fazer para conseguir formar o homem que queremos. As ações aqui elencadas não deveriam ficar apenas no âmbito do discurso ou integralizadas no Projeto Político-Pedagógico da escola, mas sim estarem presentes na prática. Obtivemos as seguintes respostas:

Colocar-se na situação de que nem sempre o professor sabe tudo e que qualquer aluno é portador do conhecimento, desta maneira o aprender se torna mais interessante e prazeroso (P01).

Tornar as aulas mais prazerosas, sem que o aluno se sinta pressionado a aprender os conteúdos didáticos, mas que aprenda ao mesmo tempo em que

se diverte, através de atividades lúdicas envolvendo leituras, contação de histórias, jogos matemáticos, feiras de ciências, projetos socioambientais e culturais (P03).

Transmitir os conhecimentos que aprendemos de forma que os alunos assimilem e os transformem ou agreguem a sua formação (P07).

Unir família e escola, firmando um compromisso, buscando inserir na criança valores e costumes, a levando a ser um ser construtor de um futuro brilhante (P09).

Criar condições para que a criança desenvolva suas capacidades e habilidades e tenha autonomia de pensamento; orientar e ajudar os alunos a escolherem um caminho de vida, a terem atitudes corretas diante das situações cotidianas; enxergar o aluno como indivíduo ativo no processo ensino-aprendizagem, no entanto, reconhecendo suas particularidades e necessidades (P10).

Os professores citaram objetivos que os orientam no relacionamento com os alunos e a família, mas não abrangem as estratégias que permitiriam melhorar a dinâmica da escola como um todo, da comunidade escolar e da gestão.

A escola pesquisada não está apresentando bons resultados, pouca quantidade de matrículas, aprendizado insatisfatório. Os professores não trabalham em equipe e não refletem os problemas do cotidiano. O ambiente educativo exige a satisfação dos alunos, mas depende da vontade do professor, pois independente de o serviço prestado for bom ou ruim, ao final do mês os professores recebem seu salário.

[...] Não perder a ludicidade, o prazer e a alegria de penetrar no desconhecido em busca de respostas parciais, sempre parciais, parte deste fogo que mantém o elã de viver. E isto ligado a uma busca de soluções para os problemas que nos atropelam e ameaçam nossa própria sobrevivência. Sobrevivência que, para ser válida, tem que ser digna. Vale dizer, tem que ser compartilhada em um mundo mais igualitário.

Para que isto ocorra, é necessário sabermos aonde queremos ir. Que caminho escolher. Parece que não sabemos que estamos no mesmo impasse de Alice (no País das Maravilhas), quando encontrou o gato [...] (GARCIA, 2007, p. 64).

É necessário mudar a rota e os professores não sabem qual caminho seguir e não demonstram vontade de descobrir. É urgente repensar a escola e buscar mudanças para que todos fiquem satisfeitos, já que há descontentamento tanto por parte dos professores, que se acomodaram diante das dificuldades, quanto por parte dos alunos, que não aprendem.

3.4 Uma sugestão

Analisando o IDEB da escola, os relatos das professoras de 1º a 5º ano e os testes de leitura feitos pela supervisora escolar percebemos que as crianças atendidas naquela instituição apresentam um déficit de leitura. Observamos que algumas crianças do 4º ano copiam os conteúdos do quadro branco com boa caligrafia, mas não sabem ler o que escrevem. Assim, propomos buscar estratégias para melhorar o letramento.

Contudo, algumas professoras de imediato justificaram que para inovar as aulas elas necessitavam de tempo para produção de material pedagógico e recursos didáticos que a escola não dispunha. A qualidade da educação não depende apenas do professor, mas acreditamos que a indisponibilidade em buscar melhorias reflete a má formação ou simplesmente a acomodação do professor ultrapassado. Talvez por se tratar de uma escola de periferia, que é pouco reconhecida pelo município.

O trabalho de ensinar na periferia das cidades e no meio rural é conhecido como uma atividade subordinada às decisões do clientelismo local, recaindo sobre o professor arbitrariedades provenientes de diferentes escalões, montados pelo Estado para exercer “protecionismo”, “controle” e outros “mandos” sobre a escola (CALAZANS, 2011, p. 29).

O professor deveria começar a chamar mais atenção dos governantes, não ser um subordinado, mas sim ser um cidadão crítico, reflexivo e conhecedor dos seus direitos e deveres, como deseja que os alunos sejam. Desse modo, se a escola passasse a ter mais destaque, apresentando melhores índices nas avaliações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) e oferecendo um serviço de qualidade com o que dispõe ao seu alcance não haveria desânimo nem por parte de professores e alunos.

A ousadia do fazer é que abre o campo do possível. E é o fazer – com seus erros e acertos – que nos possibilita a construção de algo consistente. Ousar fazer, se jogar no que se faz, me parece uma boa receita para a perplexidade de Alice em seu diálogo com o gato. Perplexidade que, em grande parte, é nossa também. Mas não partimos do zero. Temos toda uma história que nos possibilita vislumbrar pistas de caminhos. Sabemos que o exercício da solidariedade, da igualdade e da fraternidade passa, antes de mais nada, por cada um de nós mesmos, no nosso cotidiano – e isto é uma boa direção a seguir. Neste caso, não dependemos de ninguém. (GARCIA, 2007, p. 67).

Os problemas que hoje se apresentam na escola iriam diminuir no momento em que a comunidade escolar passasse a confiar que não existem limites quando existe empenho e trabalho determinado para promover os nossos sonhos e desejos.

A P03 se comprometeu em realizar na sua turma atividades para maior estimulação das habilidades de leitura. De agosto a dezembro de 2016 as crianças do 2º ano irão vivenciar metodologias voltadas a um ambiente alfabetizador, pois de 22 alunos matriculados apenas 05 estão alfabetizados. Sugerimos que diariamente as crianças tenham acesso a diferentes textos, como poemas, histórias em quadrinhos, cantigas, parlendas, refletindo e promovendo a autonomia e criatividade da leitura e da escrita. Os livros paradidáticos disponibilizados gratuitamente pelo MEC encantam os alunos e devem estar ao alcance deles na biblioteca da escola e disponíveis para empréstimo. A cidade conta com uma biblioteca municipal e um Centro Cultural onde pode ser realizada alguma atividade extraclasse. Certamente, ao final do ano letivo as crianças terão aprimorado o gosto pela leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste estudo adquirimos diversos conhecimentos e experiências inerentes aos profissionais da educação, levando a uma compreensão da escola pesquisada e da organização do trabalho pedagógico.

Reafirmamos que o Projeto Político-Pedagógico é um documento relevante na gestão escolar, por nortear o trabalho a ser desenvolvido pela gestão escolar e equipe pedagógica, a fim de minimizar os problemas atuais, estabelecendo ações e metas para atingir a qualidade educacional desejada.

A comunidade escolar ainda não reconhece o PPP como um guia. Assim como os professores se reúnem, semanalmente ou quinzenalmente, para o planejamento das atividades realizadas nas próximas aulas, destacando os objetivos e metodologias, o PPP também tem essa função de registrar as ações previstas para um ano letivo, podendo passar por uma ressignificação de acordo com as necessidades que se apresentam no decorrer do processo.

Com base na observação da escola pesquisada vimos a necessidade de ressignificar o PPP daquela instituição, estabelecendo objetivos atingíveis diante das possibilidades, gerando um novo documento que estivesse ao acesso da comunidade escolar e não trancado em um armário. Porém, a maioria dos professores se negou a cumprir seu papel de sujeitos reflexivos, não participando da avaliação do Projeto Pedagógico.

As respostas das reflexões nos possibilitaram entender a concepção dos professores acerca da sua profissão e da escola. Percebemos que a reflexão é uma prática incomum e até desgastante para alguns. Outros professores que receberam as questões e não responderam, inclusive, perguntaram se podia mandar outra pessoa fazer, já que eles não tinham tempo, ou se podia pesquisar, porém as questões objetivavam registrar suas opiniões.

Sabemos que em todas as escolas existem empecilhos e temos consciência que a culpa não recai apenas no professor que não ensina, na família que não é presente ou na gestão escolar que é indiferente aos problemas. A comunidade escolar deve se perceber como um coletivo que precisa se unir em benefício da instituição escolar. O pouco que cada pessoa possa fazer já contribui para a mudança.

Constatamos que conseguir elaborar um Projeto Pedagógico eficaz sem que os professores reconheçam sua responsabilidade nesse processo é um trabalho sem sentido. Mesmo que a coordenação pedagógica elabore um documento novo este não será posto em prática, pois a equipe pedagógica é indiferente às contribuições do PPP ou não reconhece que tem o poder de transformar a realidade.

Percebemos ainda a resistência dos professores em aceitar as sugestões da supervisora escolar em inovar as atividades desenvolvidas em sala de aula. As atribuições da supervisora se estendem às funções da secretária escolar, deixando-a, por vezes, ausente das salas de aula quando sua ajuda é necessária.

Diante do exposto, entendemos que este debate se aplica a tantas outras escolas brasileiras, portanto, não encontramos conclusões definitivas para solucionar os impasses da execução do Projeto Político-Pedagógico.

REFERÊNCIAS

CALAZANS, Maria Julieta Costa. Planejamento da Educação no Brasil – novas estratégias em busca de novas concepções. In: KUENZER, Acácia; CALAZANS, M. Julieta C.; GARCIA, Walter. **Planejamento e educação no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2009.

GARCIA, Pedro Benjamin. Paradigmas em crise e a Educação. In: BRANDÃO, Zaia (org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2007

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>> Acesso em: 22 de junho de 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Heccus Editora, 2015.

MARQUES, Mário Osório. Escola, aprendizagem e docência. Imaginário social e intencionalidade política. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 29ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de. Paradigma – relações de poder – Projeto político-pedagógico: dimensões indissociáveis do fazer educativo. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 29ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

ROMÃO, José Eustáquio; PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento socializado ascendente na escola. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. 24ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 29ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

_____. **Projeto Político-Pedagógico e gestão democrática: novos marcos para a educação de qualidade**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 3, n. 4, p. 163-171, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em: 08 de junho de 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

- Questionário

1. Sobre a escola

- 1.1. Qual é o papel da escola na vida das crianças?
- 1.2. Em sua opinião que outros espaços sociais as crianças têm para se desenvolverem?
- 1.3. Em sua opinião a escola pode prejudicar ou ajudar uma criança? Justifique.

2. Sobre ser professor

- 2.1. Você considera que a profissão de professor é importante? Por quê?
- 2.2. Em sua opinião existem professores eficientes e professores ineficientes?
- 2.3. Em sua opinião o que é ser um bom professor?
- 2.4. Qual a pior lembrança que você tem dos seus professores?
- 2.5. Qual a melhor lembrança que você tem dos seus professores?
- 2.6. Que marcas você quer deixar nos seus alunos?

3. Sobre a prática

- 3.1. Que tipo de homem quero formar?
- 3.2. Quais ações concretas podemos fazer para conseguir isso?